



Tese política do Movimento
Kizomba ao Congresso da UNE
Extraordinário

MAIS DO QUE RESISTIR É HORA DE REVIDAR!



APRESENTAÇÃO

Resistir: conservar-se firme; não sucumbir, não ceder. Revidar: dizer como resposta, replicar - é a volta do cipó de aroeira no lombo de quem mandou dar. Quando a resistência é a condição do viver, revidar é a ação urgente na busca de transformar. É hora. Te convidamos a compartilhar aqui não só a vida em resistência, condição de nosso povo, mas também a construção da ação coletiva e organizada de mudar a situação em que nos encontramos. Mulheres, negros e negras, indígenas, LGBTQs, jovens, artistas, estudantes: nós iremos revidar. Nós somos a cara da derrota de Bolsonaro. Somos os filhos e as filhas das trabalhadoras que construíram esse país. A gente não vai chegar, a gente vai voltar.

Somos a **Kizomba**, um movimento de juventude organizado nacionalmente que nasce em 1999, construindo a nossa atuação na UNE como uma organização que propõe uma nova cultura política para o movimento estudantil brasileiro que seja antiburocrata, democrática, combativa, feminista, antirracista e anti-LGBTfóbica. Nesses 22 anos de nossa existência e luta, o movimento estudantil e nossa organização já não são os mesmos. Vivemos um momento diferente do capitalismo no globo e no Brasil. Nossa geração jamais viveu tantos retrocessos. Por isso, seguimos organizando as vozes de diversas regiões do país que acreditam em um projeto político democrático, popular e socialista. Estudantes, mulheres, negras/os, indígenas, jovens do campo e da cidade, LGBTQs e trabalhadores/as que tem como objetivo maior fazer da universidade um verdadeiro instrumento de transformações sociais.

Desde 1500, nossas vidas são símbolo de resistência. Pois, mesmo diante dos massacres, opressões, torturas, autoritarismos nós pulsamos vida, liberdade, solidariedade e democracia. Construimos, cotidianamente, uma nova cultura política. Reafirmamos em nossa luta os princípios socialistas de uma sociedade radicalmente democrática e igualitária em que o bem-viver é a regra e não a exceção. Se o neoliberalismo nos ataca para nos desorganizar, vamos resistir para revidar.



Até o início de julho de 2021, o Brasil contabilizou 522 mil mortos na pandemia do COVID-19, ocupando o segundo lugar no infame ranking mundial de países em que mais se morreu por Sars-Cov-2. Nesse momento em que todos os brasileiros e todas as brasileiras conhecem, direta ou indiretamente, alguém que tenha morrido vítima do novo coronavírus, o país começa a desvendar o que encobria a maior crise sanitária da história do nosso país: por trás de cada decisão política equivocada, por trás de cada omissão por parte das autoridades competentes, por trás de cada política pública assassina se encontra a gestão genocida do governo Bolsonaro. Governo esse que hoje está marcado na história pelos esquemas de lavagem de dinheiro e propina nas compras de vacinas às custas da vida de nosso povo. Um governo genocida, corrupto e que radicaliza o programa neoliberal em seus aspectos mais antipopulares e autoritários.

Foram as mais de 100 mil mulheres que participaram da Marcha das Margaridas em agosto de 2019 que pela primeira vez entoaram o grito: “Marcha mulher, marcha, eu tô na rua e não me calo! Viemos de todo canto botar pra fora o Bolsonaro!” e deram um novo tom de enfrentamento na luta política brasileira. Desde então, a Kizomba aderiu

à luta pelo Fora Bolsonaro, entendendo que necessariamente a continuidade de seu governo significaria a precarização da vida do povo - mesmo que jamais imaginássemos as proporções desse desastre. Antes da pandemia, o “Fora Bolsonaro” não era um debate consolidado nem na UNE, nem no campo político da esquerda. Foi em março de 2020 que importantes fóruns como a própria UNE, a Frente Brasil Popular e Povo sem Medo consolidaram posição sobre o tema. A partir dessa unidade, surge a Campanha Nacional pelo Fora Bolsonaro, englobando as duas frentes de luta e unidade da esquerda, e também outras organizações do movimento social e partidos que não compunham as frentes.

É através desse fórum unitário que demos sentido à luta durante a pandemia. Panelaços, ações simbólicas e de solidariedade e até mesmo atos de rua foram ferramentas de luta importantes nesse período. As pautas por um auxílio emergencial digno, emprego, fortalecimento do SUS e vacina para toda população foram os grandes motes de nossa resistência. Recentemente, as mobilizações se colocam como a tarefa mais importante para a luta política das esquerdas e movimentos sociais: ocupar as ruas para derrubar Bolsonaro. O povo e a juventude não merecem mais

sofrer nesse cenário de “futuro sem futuro”, onde o presente é cada vez mais desesperador.

É nesse cenário que somos potência para organizar a insatisfação, impulsionar a resistência e construir a resposta. Não descansaremos até derrubar o genocida e temos a tarefa de construir a unidade de toda a esquerda para construir um programa político comum para as eleições de 2022, com horizonte democrático e socialista. É a partir desse programa e da ação política comum que seremos capazes de canalizar as maiorias sociais para superar essa fase de retrocessos no Brasil e para esperar por um futuro de conquistas.

É por isso que para além de resistir, nós vamos **revidar!**

OS POVOS DO MUNDO EM LUTA CONTRA O NEOLIBERALISMO E AUTORITARISMO!

O internacionalismo é para a Kizomba um elemento fundamental da nossa tradição socialista, feminista, antirracista e anti-lgbtfóbica. Em confronto com o capitalismo enquanto um sistema mundial, a luta dos trabalhadores explorados não pode se conter em fronteiras nacionais, precisa se expandir e conectar produzindo alternativas ao redor do mundo. Para nós, uma revolução que irrompe o sistema não pode se prender em apenas um país, mas deve sintetizar o internacionalismo da classe proletária com o anticolonialismo dos povos subalternos.

Nossa tradição feminista bebe do feminismo internacional da Marcha Mundial de Mulheres e em experiências como o Capire, uma ferramenta de comunicação criada em 2021 para ecoar as vozes das mulheres em movimento por todo o mundo. Baseado na resistência dos quilombos e na construção do MNU e do Enegrecer, nosso antirracismo bebe das lutas socialistas e anticoloniais na África e da tradição do movimento negro americano. A defesa das lutas indígenas no Brasil se liga ao movimento indígena em todo o continente e bebe do socialismo indo-americano de Mariátegui. Como bem demonstrou o recente dia internacional do orgulho LGBT, essa luta também se constrói e inspira em âmbito mundial. Aludindo a Lélia González, essas tradições sintetizam-se na construção de um feminismo afro-latino-americano.

Além da luta contra a ditadura e a construção da CUT, nossa tradição socialista também vem das lutas proletárias e anticoloniais por todo o mundo e da experiência das Interna-

cionais. Reivindicamos experiências como a campanha continental que derrotou a ALCA nos anos 2000, a construção da Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA) e as articulações da Jornada Continental pela Democracia e contra o Neoliberalismo nos anos mais recentes. Em especial, saudamos a formação de uma frente nacional e as articulações internacionais contra o desastroso acordo Mercosul-UE, que caso ratificado condenaria os países do Mercosul ao subdesenvolvimento em troca de mercados para o agronegócio.

Acreditamos que é preciso conectar as lutas sociais mundo afora para enfrentar esse momento de crise do capitalismo neoliberal e expansão da extrema-direita por todo o mundo. As ruínas do neoliberalismo apontam para saídas cada vez mais ultraconservadoras e xenofóbicas, que utilizam o autoritarismo para manter a agenda neoliberal de

ampliação dos lucros do capital por meio da retirada de direitos sociais. Em contraposição a isso, é necessário articular internacionalmente as lutas sindicais com todas as lutas dos movimentos estudantis, feministas, antirracistas, anti-lgbtfóbicos, do campo e da cidade para construir uma alternativa socialista à crise.

Nos últimos anos, a ofensiva neoliberal operou no Brasil um golpe para derrubar Dilma, uma fraude judicial por meio de *lawfare* para impedir Lula de concorrer às eleições e elegeu um filhote da ditadura para a cadeira de presidente (sempre com seu laçaio ultraliberal na economia). Ao olharmos para o nosso continente, observamos um processo similar com a derrubada de governos populares através da subversão da democracia - as únicas eleições que a direita do continente aceita são aquelas em que ela ganha, quase sempre por meios escusos.



Mas a tenacidade do nosso povo já faz com que novos ventos soprem na América. Nos EUA, Trump foi derrotado após um amplo processo de lutas sociais e organização popular. No Chile, um enorme processo de lutas sociais derrubou as bases racistas e autoritárias desse “Estado Modelo” do neoliberalismo subserviente aos EUA. A Constituinte Chilena e a eleição de representantes populares apontam para uma nova agenda progressista de direitos. Na Colômbia e no Paraguai, duas explosões sociais mostram que a

população desses países também não aguenta mais a lógica do neoliberalismo autoritário e demanda seus direitos.

Ainda que com contradições, a esquerda finalmente chegou ao poder no México com AMLO e resiste na Venezuela (e em Cuba!) apesar de todas as sanções e bloqueios. A força dos movimentos indígenas derrotou o golpe na Bolívia e elegeu um professor grevista no Peru. Após uma desastrosa presidência neoliberal de Macri, um governo peronista também voltou na Argentina e a partir da luta das mulheres garantiu o direito ao aborto legal. Mesmo onde perdeu eleições, por erros ou desgastes, a esquerda mostrou estar viva no Equador e no Uruguai.

É necessário aprender com as experiências e se inspirar nas lutas dos nossos irmãos para derrotar Bolsonaro no Brasil. A liberdade de Lula e sua volta ao jogo eleitoral precisa ser combinada com uma ampla unidade das esquerdas e mobilização pesada dos movimentos sociais para derrotar Bolsonaro, interromper os retrocessos de seu governo e construir uma alternativa de poder. Nosso país é peça chave do tabuleiro continental e contamos com a solidariedade de todos nossos vizinhos. Como sempre anunciaram nossas palavras de ordem:

Te cuida, te cuida, te cuida imperialista!
A América Latina vai ser toda socialista!

Propomos para a UNE:

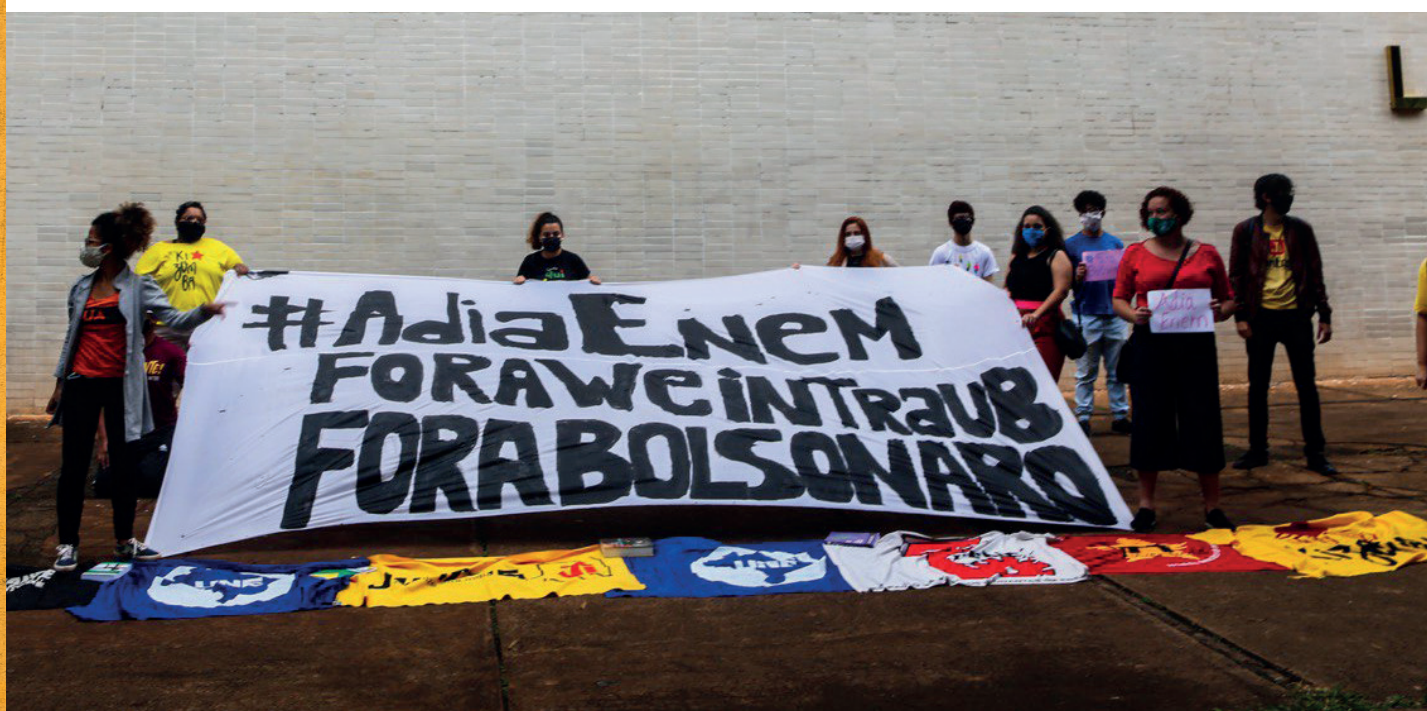
-  Solidariedade às lutas da América Latina e do mundo;
-  Participação da UNE na Jornada Intercontinental em Defesa da Democracia e Contra o Neoliberalismo;
-  Assinatura pela UNE da Carta da Frente de Organizações da Sociedade Civil Brasileira contra o Acordo Mercosul-UE.

POR UMA EDUCAÇÃO POPULAR E EMANCIPADORA

É preciso reconhecer a importância estrutural que a educação desempenha no futuro de um país colonizado, amordaçado e explorado como o Brasil. Por séculos a instrução é vista como um privilégio das classes ricas, importante demais para a população trabalhadora. Quando passamos a alcançar a universalização do ensino básico, foi montada uma estrutura de desfinanciamento da educação pública, novamente garantindo que um bom ensino fosse exclusividade dos que têm dinheiro e exploram o trabalho dos outros para conseguir-lo. Nessa longa história de negação da educação, nos encontramos hoje com um ensino superior desregulado, onde diplomas são vendi-

dos com falsas promessas de melhoria de vida, professores com anos de experiência e formação são demitidos para dar lugar a inteligências artificiais e a Universidade Pública tem seu nome arrastado na lama pelos governantes mais corruptos e autoritários que nossa nação já viu. Ricardo Veléz, Weintraub e Milton Ribeiro vêm garantido que essa norma histórica se mantenha e se aprofunde.

Em tempos de crise, é importante buscar na memória e na tradição de lutas do passado maneiras de conquistar um novo futuro. Durante as Ditaduras que assolaram a América Latina na segunda metade do séc. XXI, educadores e educadoras de nosso continente compreenderam que os saberes do povo eram a chave para sua libertação. Compreenderam que com escuta, com compromisso militante para com o crescimento coletivo, com a valorização da cultura e da palavra de nossa gente era que esse povo brasileiro, amordaçado, explorado, escravizado por toda sua história, ia encontrar formas de ir além de seus grilhões, de crescer, de romper a opressão e criar seu mundo, onde



todo mundo possa ser aquilo tudo que se pode ser.

A Educação Popular é uma tradição que precisa ser resgatada pela UNE. Nos anos 60, o Centro Popular de Cultura, tocado pela entidade, foi um pais e mães dessa corrente de pensamento educador que nasceu como síntese das muitas lutas do povo brasileiro. Essa ideia é forte e hoje necessária porque não apenas reivindica o direito de todos e todas à educação, mas reivindica que educação é essa que devemos buscar. Durante os governos populares de Lula e Dilma (PT), com REUNI, ProUni, FIES, construção de novas universidades e ações afirmativas

como a Política de Cotas, conseguimos avançar um pouco, colocando gente que a história do ensino superior brasileiro nunca permitiu entrar na universidade para dentro dela. Foi um avanço inicial muito potente, que, mesmo tendo conseguido ingressar, esbarrou num muro de conservadorismo do corpo docente, falta de preparo da instituição para receber o povo brasileiro e racismo e elitismo fortemente enraizados. É tarefa da UNE, neste período em que parece que lutamos com tudo o que temos apenas para perder menos, propor avanços no Ensino Brasileiro a partir dos muitos ensinamentos e acúmulos que a tradição da Educação Popular nos traz.

Além de discutir acesso e permanência, precisamos discutir o ensino em si. Não podemos mais aceitar cursos burocratizados, sem nenhuma proposta pedagógica, com professores con-

servadores, quando não racistas e machistas, que não possuem compromisso algum com o ensino, com práticas pedagógicas mais inclusivas e transformadoras. Que estudante não passou por assédio em sala de aula? Que universitária não fez uma cadeira onde o professor nunca apareceu? Que aluno não precisou que sua Comissão de Graduação o auxiliasse num momento difícil do curso, apenas para ser abandonado? Quantas vezes nos deparamos com materiais didáticos de autores homens, brancos, europeus, que falam de uma realidade que não é a nossa? Quantas vezes não percebemos nitidamente como alguns cursos são mais valorizados que os outros, sendo a unidade de medida apenas o valor de mercado? É preciso que a UNE tome estes debates nas mãos e passe a acumular para um novo ensino superior no Brasil.

Propomos para a UNE:

-  É preciso disputar a importância dos cursos de licenciatura, em todas as diversas áreas do conhecimento, como pilares de desenvolvimento da nação;
-  É preciso que a universidade exija de seu corpo docente, especialmente nas públicas, esteja preparado para receber a classe trabalhadora dentro de seus muros não só como ouvinte, mas como sujeito da educação;
-  É preciso que a UNE fortaleça a luta dos Cursinhos Populares não só na busca pelo acesso e permanência, mas como espaços ricos e potentes de criação de uma nova Pedagogia Popular para o povo brasileiro;
-  É preciso que cada vez mais nos aprofundemos nos estudos pedagógicos latinoamericanos, entendendo que nosso continente, nossa terra, nos traz uma visão de mundo que pode nos levar muito além de nossos limites impostos por um sistema que nos oprime por conta de nossa cor, nossa sexualidade, nosso gênero, nossa conta bancária, nossa religião, nossas ideias e anseios.



Por fim, como disse uma vez a Dra. Maria Carolina de Jesus, grande símbolo do que buscamos com a Educação Popular:

O Brasil tem que ser governado por alguém que já passou fome.

MAIS DO QUE NUNCA, QUEREMOS ESTUDAR E PERMANECER!

A assistência estudantil tem sido a principal política de permanência estudantil nas instituições federais de ensino em todo o país durante a pandemia desde a vinculação de auxílios para fornecer condições de acompanhamento das aulas virtuais como o fornecimento de equipamentos eletrônicos e chips com internet para estudantes indígenas, quilombolas e socioeconomicamente vulneráveis, até a assistência social com atendimento e acompanhamento psicológico evitando diversos possíveis casos de evasão.

Em 2020, instituições de ensino de todo o país paralisaram suas aulas presenciais por tempo indeterminado e tiveram que adaptar suas atividades presenciais para o meio virtual devido à pandemia. Estas que já enfrentavam dificuldades no orçamento ainda na modalidade presencial com a fragmentação dos recursos da assistência estudantil e com a redução de verbas que eram de 34 milhões em 2019 e passaram a ser 32,8 milhões em 2020, cerca de 3,2% a menos para atender uma demanda maior a cada ano, com o corte de 18,16% no orçamento discricionário das instituições federais, que coloca em risco a sua existência e compromete os serviços essenciais para manutenção da nossa presença nas instituições, e ainda com a manutenção da PEC 95 que congela os recursos da educação e saúde por 20 anos, entraram em colapso com a inviabilidade de manter suas atividades.

O Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES, foi e tem sido parte fundamental de sustentação para que as IES mantenham suas atividades, mesmo que de forma reduzida e ainda em 2020 teve 40% do recurso restringido pelo governo e com a nossa luta junto aos movimentos educacionais, conquistamos a liberação do recurso. Mas ainda sim a situação é de verdadeiro colapso dessas ins-

tituições que hoje atingem mais de 1 milhão de estudantes em todo país e que preveem outras despesas orçamentárias básicas para a manutenção e segurança dos espaços físicos para um retorno pós pandemia e principalmente na promoção da permanência estudantil em um período de agravamento da evasão por falta de condições para acompanhar o ensino remoto.

Em 2021, o ministério da educação anunciou uma redução das verbas para as instituições federais de ensino de 1,43 bilhões de reais, que compreende cerca de 1 bilhão para as universidades federais e 434,3 milhões para os institutos federais, agravando ainda mais a situação destas. É importante entendermos que as medidas propostas e aprovadas pelo atual governo federal em relação aos recursos destinados à educação do nosso país, que sempre tem caminhado para a redução de verbas, de auxílios e bolsas estudantis, de trabalho terceiri-

zado, de equipamentos básicos do dia a dia, tudo isso alinhado a desvalorização e o desmonte do serviço público em geral, ao conjunto de políticas e ações que visam à redução do Estado de bem-estar social, fazem parte de uma estratégia arquitetada por um sistema que retira o caráter popular que as IES incorporaram nos governos progressistas, não só retrocedendo-as um caráter geograficamente centralizadas e socialmente elitizadas, mas principalmente, visando lucrar por meio desse mecanismo transformador e que é um dos nossos direitos constitucionais, para manter os grandes conglomerados educacionais particulares que ajudam a sustentar um sistema subserviente apenas aos interesses das elites.

Diante disso, reafirmamos a importância da assistência estudantil como uma das principais políticas educacionais do nosso país e destacamos como tarefas centrais para a UNE:

Propomos para a UNE:

-  Organização de fóruns estudantis nas instituições federais alinhadas ao movimento educacional para debater e defender o PNAES robusto e como uma lei, fortalecendo assim, todas as dimensões da permanência estudantil;
-  Continuar na luta pela revogação da EC 95 como pontapé para a organização de políticas educacionais que garanta segurança das e dos estudantes no retorno presencial das aulas;
-  Construir uma campanha contra o veto de Bolsonaro ao PL da conectividade;
-  Atuar na defesa da manutenção e ampliação das ações e políticas afirmativas;
-  Sempre garantir espaços de debates fundamentais como o seminário de assistência estudantil como centrais na política educacional da entidade.

MOVIMENTO ESTUDANTIL PREPARADO PARA REVIDAR!

Neste período, o movimento estudantil brasileiro tem exercido o papel de vanguarda da luta política mais importante do País: o Fora Bolsonaro. Os e as estudantes cada vez mais tem consciência de que sem tirar Bolsonaro, a educação brasileira não parará de ser destruída.

Desde o início de seu governo, percebemos que Bolsonaro tratava a educação como um eixo central de sustentação do seu programa neoliberal radicalizado. Organizou os mais diversos ataques sob todos os âmbitos da política. Desde os desastrosos e desqualificados ministros da educação que passaram, até a política de financiamento com a realização de intensos cortes. Além disso, atacou a educação em dimensões ideológicas, criminalizando professores/as, a prática pedagógica e também a autonomia das universidades. Bolsonaro fez uma verdadeira guerra a todas as dimensões da política educacional no Brasil.

Nas universidades e institutos federais, o MEC fez um verdadeiro caça às bruxas a partir da organização de uma narrativa intensa de criminalização da comunidade acadêmica e do pensamento crítico construído nos seios das IEs. Mas um dos principais motivos que mobilizavam o governo para atacar as universidades públicas é a potência de luta política de oposição ao seu governo que esses espaços construíram. Vem daí seu ódio ao movimento estudantil, pois transformamos, desde o início do seu governo, as universidades em verdadeiros polos de resistência da luta social. Além disso, para seu programa genocida, Bolsonaro viu como estratégia o sucateamento das universidades e da pesquisa brasileiras para consolidar ainda mais sua ofensiva anti-ciência e anti-vacina.

Também houve resistência nesse sentido e conseguimos mostrar a potência e fundamentalidade das universidades no combate à pandemia. Enquanto fazíamos esse movimento, desenvolvendo pesquisas para vacinas nacionais e organizando mutirões de testagens em massa, Bolsonaro fazia o inverso, aplicando um corte de mais de 1 bilhão para as IES, abolindo a política de pesquisa e desmantelando a autonomia universitária.

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

**MAIS DO QUE
RESISTIR
É HORA DE
REVIDAR!**

Com o ensino remoto por conta das condições sanitárias, Bolsonaro faz de tudo para negar o direito dos/as estudantes estudarem. Negou os pedidos das reitorias e dos estudantes para garantir inclusão digital durante a pandemia e agora faz o maior esforço para vetar o PL da conectividade, uma luta do movimento estudantil para garantir a estrutura mínima de internet que possibilite o acesso às aulas remotas pelos estudantes. É uma verdadeira guerra ao nosso direito de estudar e o conjunto da UNE precisa centrar forças nesta tarefa enquanto durar este período.

Além disso, o ensino superior privado passou por uma crise econômica, os números de matrículas caíram, professoras/es foram demitidas/os, o ensino remoto foi adotado como medida e a exclusão de estudantes bolsistas foi a regra. Durante este período pouco se pensou na permanência das/os estudantes das IES privadas, em especial os que residem nas zonas rurais e nos bairros periféricos das zonas urbanas. O governo não se preocupou com o problema de acesso à tecnologia e internet, muito menos como as/os estudantes iriam pagar as mensalidades atrasadas no cenário de crise econômica que foi agravada pela pandemia. Por isso, a principal luta travada pelo movimento estudantil foi pela isenção ou redução das mensalidades no período da pandemia.

O financiamento estudantil não foi facilitado. Das 100 mil bolsas vagas oferecidas, somente 46 mil foram ocupadas devido a todas restrições criadas nos últimos anos, dificultando não apenas o ingresso como também a permanência. Ainda, os estudantes que já possuem bolsas do FIES estão em uma situação que impede qualquer possibilidade de pagamento e, por isso, é uma luta fundamental o perdão da dívida do FIES para todos os estudantes.

Foi exatamente esse intenso processo de ofensiva destruidora do governo Bolsonaro que fez o movimento educacional, fundamentalmente estudantil, ser protagonista das primeiras mobilizações de massas de oposição a Bolsonaro. Construímos o tsunamis da educação (#15M, #30M, #14J e #13A) logo no início das primeiras sinalizações de ataques de Bolsonaro, o que fez impulsionar a oposição social ao governo.

Durante a pandemia foi o movimento estudantil que conseguiu sustentar as principais mobilizações virtuais e, junto do conjunto do movimento educacional, conseguiu uma das únicas vitórias políticas deste atual período: a aprovação do FUNDEB.

Recentemente, impulsionadas também pelos atos de vanguarda do movimento negro contra a chacina de Jacarezinho e o genocídio de jovens negros, as entidades estudantis assumi-

ram as primeiras dianteiras das lutas de ruas de massas durante a pandemia. Inauguramos um elemento novo na conjuntura da luta política pelo Fora Bolsonaro e pelo impeachment: às ruas!

É com essa retrospectiva que podemos refletir ainda mais profundamente o papel do movimento estudantil para a luta política no nosso país. E por isso que a UNE precisa continuar na tarefa histórica de mobilizar os e as estudantes para estar em constante luta até Bolsonaro cair, com o esforço fundamental de garantir a unidade de toda a esquerda para superar o Bolsonarismo também em 2022 com um projeto democrático e anticapitalista para o Brasil.

Mas para isso, precisamos inaugurar um novo ciclo e novos métodos de mobilização, que fortaleça as organizações de base e tenha capacidade política para

impulsionar cada vez mais estudantes distantes da dinâmica dura do ME.

O momento é de mobilização e unidade, por isso, o espaço agora não é para disputas, mas sim para um esforço coletivo de todas as forças e organizações estudantis para focar seus objetivos na mobilização massiva, sem hegemonismos e métodos que expõem estudantes comuns de estarem na luta. Construir assembleias de base, fóruns de agitação e amplas discussões com toda a rede do movimento estudantil de cada universidade é fundamental para esse objetivo.

A UNE precisa dedicar essa sua próxima gestão a esta tarefa principal, a de derrubar Bolsonaro. E toda sua estrutura deve estar girada para este objetivo. Os e as estudantes e o povo brasileiro não suportam mais viver esse pesadelo cotidiano.

FORA BOLSONARO! IMPEACHMENT JÁ!

ENEGRECER A UNE: NOSSA VITÓRIA NÃO SERÁ POR ACIDENTE

Nos últimos dois anos, o povo negro tem reiterado o que nos diziam nossas mais velhas: nossos passos vêm de longe, e a força ancestral que guia a nossa luta se traduz no enfrentamento diário ao racismo estrutural que nos nega educação, saúde, habitação, segurança alimentar, e dentre tantas outras coisas, nos nega o direito a vida. O projeto neoliberal e conservador do Governo Bolsonaro em pacto com a burguesia nacional e o capital internacional para o Brasil tem avançado contra o povo trabalhador, em especial contra as vidas pretas.



Em 2020, descobrimos aquele que passaria a ser o maior aliado do presidente: a COVID-19. A política genocida e negacionista escolhida para lidar com a Pandemia do COVID-19 logo resultaram nas mais de 524 mil vidas ceifadas pelas COVID-19, dados reforçam as desigualdades sociais entre ricos e pobres, negros e brancos no Brasil. Isso foi previsto já com o primeiro caso de morte pelo vírus no país, uma mulher negra, empregada doméstica, de 63 anos, do interior do Rio de Janeiro, que foi contaminada pela empregadora branca que há poucos dias tinha chegado da Itália. Segundo estudo do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde (PUC-Rio), durante o primeiro ano da pandemia, 55% das mortes de COVID-19 foram de pessoas negras, 38% foram de pessoas brancas. Já o Sistema Brasileiro de Informação de Vigilância Epidemiológica da Gripe aponta que os pretos e pretas têm 40% mais de chances que as pessoas brancas de serem contaminadas com o vírus e virem a óbito.

Na educação, o ensino remoto tem sido um grande desafio. Sabe-se que o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo e que isso é reverberado na realidade social, econômica, racial e de gênero. Essas desigualdades se acentuaram durante a pandemia, e fizeram com que as camadas mais vulneráveis fossem mais prejudicadas no âmbito da educação. O ensino remoto prejudica diversos estudantes que não possuem suportes adequados para a nova realidade do ensino, muitos não tendo acesso a aparelhos eletrônicos como computador, tablet, celular ou até mesmo a Internet, assim, ampliando a exclusão digital no Brasil e a desigualdade social.

O movimento negro brasileiro não assiste inerte a todo esse cenário. Se somando ao levante global da luta antirracista, são constantes as denúncias feitas pelos movimentos negros a partir do movimento Vidas Negras Importam, que denunciou nas ruas casos como do João Alberto que foi assassinado no Carrefour (Porto Alegre/RS) e do menino Miguel (Recife/PE). Nas eleições municipais de 2020 vimos em várias cidades do Brasil diversas mulheres negras, lideranças dos movimentos negros, sendo eleitas para os parlamentos municipais pautando a centralidade do antirracismo na agenda política, e em firme oposição ao projeto de morte do Bolsonaro.

Em 2021, ocupamos as ruas do Brasil no 13 de maio para denunciar a Chacina do Jacarezinho (RJ), em que a polícia assassinou brutalmente 29 jovens negros, e demos nosso recado: enquanto o povo preto for exterminado, a luta contra o racismo e por um novo modelo de segurança pública construída a partir do bem-viver não irá cessar! Além disso, foi o Movimento Negro, organizações de bairro e movimentos sociais que o reafirmaram que o povo negro e periférico quer vacina no braço e comida no prato, a partir da organização de campanhas de solidariedade por todo o Brasil com arrecadação de alimentos e produtos de limpeza, além da distribuição de máscaras, sabonetes e álcool em gel.

Por Marielle, por Gabriel, por Kathlen, por todas vidas negras ceifadas, é essencial fortalecer a organização dos negros e negras para combater racismo, estruturante do sistema capitalista, e construir uma política antirracista em unidade com os povos indígenas e quilombolas.

Neste sentido, foi uma grande vitória a realização do 7º Encontro de Estudantes Negras e Negros da UNE, que teve por mote “Tudo que nós tem é nós”, que reuniu mais de 1500 estudantes virtualmente para debater os rumos do país e da universidade que queremos.

Seguiremos em luta por uma universidade pública, gratuita, de qualidade, em que caibam todos os povos, que valorize os saberes e práticas tradicionais, que respeite a diversidade sexual e de gênero, comprometida com a emancipação do povo trabalhador, das mulheres, das LGBTQs e do povo negro. Queremos mais IES a cara do povo brasileiro, em que não sejamos os primeiros e últimos jovens negros de nossas famílias a ingressar. Nesse sentido é necessário ainda mais centralidade na defesa das políticas e ações afirmativas, instrumentos fundamentais que buscam reparação para as populações historicamente vulneráveis. Em 2022, fará 10 anos da implementação da Lei 12.711, que é a Lei de Cotas, que será reavaliada e precisamos garantir a sua continuidade.

Para continuar a enegrecer as IES brasileiras, destacamos como tarefas centrais da UNE:

Propomos para a UNE:

- 🗣️ Construir seminários e mobilizações em defesa das Cotas Raciais, haja visto o processo de reavaliação que elas passarão no próximo período, tendo como saldo a construção da luta contra os constantes ataques do governo Bolsonaro a essa política de ação afirmativa;
- 🗣️ Fortalecer o Encontro de Negros, Negras e Cotistas da UNE (ENUNE), para garantir esse tão importante fórum de auto organização política das negras e negros no Movimento Estudantil;
- 🗣️ Garantir que no mínimo 30% das próximas gestões da UNE sejam compostas por pessoas negras;
- 🗣️ Defender com centralidade as políticas de permanência estudantil das estudantes negras e negros, quilombolas e indígenas, garantindo que quem entrou possa continuar e pela revogação da EC 95;
- 🗣️ Pautar o reconhecimento e valorização dos saberes e práticas tradicionais do povo negro, indígena, quilobola e povos tradicionais nos espaços universitários e nos currículos, garantindo diálogo entre os conhecimentos populares e o fazer científico.

MULHERES ESTUDANTES PELO FORA BOLSONARO

Vivemos um aprofundamento do conflito do capital contra a vida. Conflito esse que perpassa a exploração dos nossos corpos, trabalho, vidas e territórios. Hoje, no Brasil, está em curso um projeto conversador e genocida de Bolsonaro e seu governo, projeto este que acentua as desigualdades sociais, a fome, o desemprego, a miséria e que em meio à uma pandemia, ceifou mais de 520 mil vidas. Nosso principal chamado hoje é pela vida, por vacina no braço, comida no prato e por #ForaBolsonaro!

No Brasil e no mundo, vivemos graças a uma economia que não para, nem pelo COVID-19. É a economia que sustenta a vida: a dos cuidados, das mulheres camponesas, das artesãs, e de diferentes circuitos econômicos que ativaram e garantiram a produção de alimentos saudáveis e de serviços realmente indispensáveis. E quando a vacina não chega, quem mais sofre é a população pobre, quem sai todos os dias para trabalhar, que não parou de produzir lucro para

empresários e que cotidianamente têm direitos violados. Falta comida na mesa e o nosso país vive um dos piores marcadores do desemprego e da informalidade da história.

E por que isso impacta a vida das mulheres? A crise sanitária, mas também econômica e social, aprofundou ainda mais a pobreza e a violência, aumentando também a sobrecarga das tarefas do cuidado para as mulheres trabalhadoras. Desde o início da Pandemia, o número de denúncias de violência contra a mulher aumentou 2%. No Brasil, a cada quatro mulheres, uma sofreu algum tipo de violência durante esse período. Como já não esperamos por políticas públicas de enfrentamento à violência contra a mulher do governo Bolsonaro ou mesmo investimento nos órgãos já existentes, que foram intensamente esvaziados do seu papel neste governo, nos movimentamos durante a pandemia para denunciar o aumento das situações de



violência e abusos contra as mulheres, muitas vezes presas com seus agressores, e organizar em nossas regiões campanhas de solidariedade e redes feministas de acolhimento à essas mulheres. A solidariedade feminista que sempre foi nosso princípio, se tornou prática central na garantia da vida em comum nestes tempos.

Fomos protagonistas nos processos de organização e mobilização das campanhas de so-

lidariedade, e incansáveis na defesa da nossa soberania nacional, sempre denunciando os ataques aos nossos territórios e à privatização das nossas estatais, que seguem em curso neste governo. É tempo de retomar nossa organização nas bases, nos coletivos feministas universitários, nos centros acadêmicos, diretórios acadêmicos e centrais dos e das estudantes.

Nós, mulheres feministas de todos os cantos do Brasil, já denunciávamos a política fascista, violenta e opressora de Bolsonaro, antes mesmo das eleições de 2018, que o elegeu. Construimos os maiores atos #EleNão por todo o país, alertando a população do risco à vida das mulheres, das negras e negros, LGBTQs e povos tradicionais. Infelizmente, vimos concretizar a política da morte, o conservadorismo, a violência explícita e generalizada contra nossos corpos e vidas. É por isso que seguimos fortalecendo nossa resistência para transformar essa realidade.

A realidade dentro da Universidade não é diferente, o ensino remoto foi mais uma sobrecarga para muitas mulheres estudantes, serviu para continuar perpetuando a tripla ou quarta jornada de trabalho das mulheres, ainda mais com pouco ou nenhum acesso à internet de qualidade, à tecnologia e às ferramentas necessárias para a inserção nessa dinâmica de ensino. Além do desmonte das políticas de permanência estudantil e de estruturas como os restaurantes universitários, moradia estudantil, até mesmo a ausência das creches.

Com a nova rotina para adaptação, o perigo da pandemia, o risco ou mesmo a situação de desemprego, a organização feminista se tornou um desafio ainda maior, mas ainda mais necessária para organizar e mobilizar as mulheres, e dar respostas nas redes à altura das ofensivas desse governo. Recreamos a forma de nos organizar virtualmente dado a conjuntura, mas não perdemos nossa capacidade de nos mobilizar e organizar nas ruas, que é o que forja nossa identidade e organização política. Nos últimos atos do #29M, #19J e #3J, ocupamos as ruas de diversas cidades por todo o Brasil, abrindo e encerrando o 9º Encontro de Mulheres Estudantes da UNE nas concentrações feministas nas 5 regiões do país.

A precarização da educação também desponta como um dos grandes desafios. O corte de 18,16% no orçamento discricionário de todas as 69 universidades federais, coloca em risco a existência das próprias universidades e demais instituições de ensino e comprometem os serviços essenciais para manutenção da nossa presença nesses espaços, especialmente das estudantes negras, do campo, indígenas, quilombolas e trabalhadoras. É fundamental a garantia de bolsas permanência, projetos de iniciação à docência, de iniciação científica, a garantia de creches, restaurantes universitários, moradia e toda uma política de assistência estudantil, sobretudo no cenário de aumento da fome e da população em situação de rua. O Plano Nacional de Assistência Estudantil não pode ficar fora do orçamento federal! Os cortes ameaçam ainda, os projetos de pesquisa e extensão que contribuem para a inserção das mulheres no espaço de pro-

dução de conhecimento e o combate às desigualdades sociais.

Nós, que sustentamos o país com nossa energia, trabalho e cuidado, de Norte à Sul do Brasil, dizemos que é o momento de construir outra normalidade, em que a vida e sua sustentabilidade estejam no centro. Por isso, querem as mulheres estudantes:

Propomos para a UNE:

- ☞ Derrotar o governo neofacista de Bolsonaro e o bolsonarismo, Bolsonaro é inimigo das mulheres, da vida e da educação pública!
- ☞ Construir com nossas próprias mãos uma alternativa de projeto que tenha a participação das mulheres, das jovens estudantes, das mães, do povo preto, do povo pobre, do povo trabalhador, em um projeto popular que recupere a soberania nacional e o investimento público na educação e nas políticas sociais;
- ☞ A revogação da EC 95, que reverta todo desmonte que tivemos nesses anos sombrios de nossa história.

LGBTS EM LUTA CONTRA O CONSERVADORISMO!

A realidade das vidas LGBTs no Brasil se dá em um cenário de luta através dos movimentos sociais, a rotina de resistência dessa parcela tão invisibilizada da sociedade se dá contra as violências cotidianas e ao longo do tempo rende frutos importantes. A retirada da homossexualidade da lista de distúrbios psiquiátricos da Organização Mundial da Saúde, a aprovação da união estável homoafetiva pelo STF, a conquista do uso do nome social, a criminalização da homofobia e a constatação de que é inconstitucional a proibição de doação de sangue por homens gays, bissexuais e mulheres trans. Esses são exemplos de vitórias da organização política das pessoas

LGBTs, que lutam para construir uma nova cultura política.

A construção da resistência política LGBT é a razão para a Kizomba Arco-íris existir e organizar jovens por todo o país. Construir uma nova cultura política é o



segurança e dignidade são direitos intrínsecos ao ser humano e que jamais abriremos mão de estar do lado do povo que diariamente luta para ter sua cidadania respeitada e reconhecida. A construção dessa verdade dentro das entidades nacionais da educação é de extrema importância, conversar com estudantes por todo o Brasil sobre a necessidade do debate acerca das vidas LGBTQs é o nosso propósito.

Entender que a educação é agente transformador de mundos e salvador de vidas é o início de tudo, fomentar o debate acerca das realidades LGBTQs nesses espaços nos movimenta, ver jovens em todo Brasil debatendo suas vidas nos dá esperança. Como já dizia Paulo Freire, “Ninguém liberta ninguém. As pessoas se libertam em comunhão”.

Nossa construção é coletiva e plural, por vidas, direitos, dignidades e sonhos. Nosso arco íris está no horizonte de cada pessoa que busca um Brasil democrático, colorido, coletivo e com sentimento de luta e amor. Nossas cores vão brilhar em cada coração que se encontra na luta, com orgulho de ser quem somos em todos os cantos. Ganhando mentes e corações, nós queremos estar vivos, felizes e organizados.

Com nossas cores no peito, fazemos da nossa vida um ato político de resistência e esperança para um futuro. Para a realidade das vidas LGBTQs, sempre foi mais que resistir, é sempre hora de revidar!

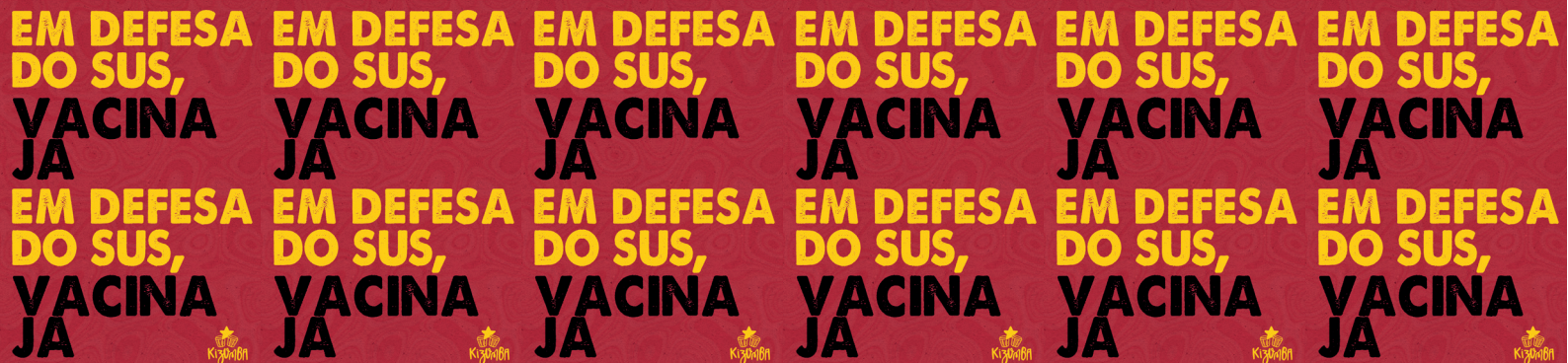
Propomos para a UNE:

-  Fortalecer o Encontro LGBTQ da UNE;
-  Seguir lutando pela inclusão dos e das LGBTQs no mercado de trabalho;
-  Retomada do projeto UFA: Universidade Fora do Armário que enraizou o debate contra a discriminação a população LGBTQ nas universidades e fortaleceu a auto-organização de diversos coletivos país afora.

EM DEFESA DO SUS, VACINA JÁ!

Quando a crise gerada pelo covid-19 assumiu status de pandemia, o governo brasileiro já dava sinais da gestão criminosa que estava por vir, permitindo que faltassem testes, leitos, profissionais, políti-

cas de enfrentamento e, por fim, vacinas para a população mesmo em um país com um robusto complexo econômico-industrial em saúde, um sistema universal e um dos maiores programas de medicina



preventiva e imunização do mundo. A intensa crise sanitária gerada foi ainda mais agravada pela insegurança alimentar, as desigualdades racial e de gênero e o desemprego que marcaram forte presença no ano de 2020.

O desabastecimento de insumos tecnológicos da saúde e nossa dependência de materiais estrangeiros ilustram uma realidade que é muito conhecida no movimento estudantil: o desmonte da produção nacional de ciência. Foi através da desvalorização e redução orçamentária das universidades e centros de pesquisa brasileiros, promovidas pelos governos neoliberais, que o país foi impedido de garantir soberania tecnológica e sanitária no momento em que mais se precisou, concretizando o alerta que sempre fora dado: sem ciência nacional, sem universidades públicas valorizadas não há Sistema Único de Saúde!

Mas os e as estudantes e as universidades não pararam! Mesmo com ínfimos orçamentos e enfrentando o risco do adoecimento e da morte, nossos pesquisadores e profissionais da saúde em formação continuaram suas atuações na busca por medicamentos, vacinas, respiradores artificiais e produção de álcool em gel que assistissem à população nesse momento de dificuldade, além de auxiliar os profissionais em serviços de atendimento à pacientes covid e UTI mesmo com o atraso na vacinação, mesmo sem garantias e direitos trabalhistas que foram dados aos profissionais desses mesmos setores. Foram os estudantes e os pesquisadores das nossas universidades e institutos públicos que encararam o novo coronavírus, mostrando o caráter indissociável entre educação pública e responsabilidade social.

Por isso, em meio às incertezas democráticas e ao luto nacional, é preciso, mais do que nunca, que os estudantes e as estudantes façam a defesa intransigente das nossas universidades e da ciência brasileira. A tragédia da pandemia acelerou um processo de colapso do Sistema Único de Saúde que se anunciava desde o golpe contra a presidenta Dilma e a imposição de uma agenda neoliberal que havia sido derrotada nas urnas. É preciso retomar o projeto de soberania e produção nacionais que existiam nos nossos governos populares, é preciso retomar o rumo de um projeto de desenvolvimento que seja dinâmico, equânime, justo e que coloque as necessidades do povo brasileiro no centro das tomadas de decisão.

Propomos para a UNE:

- ☞ Construir uma grande campanha estudantil em defesa do SUS;
- ☞ Lutar pela retomada do programa Ver-SUS e ter maior presença na sua construção;
- ☞ Atuar mais nas instâncias de controle social do SUS, fortalecendo o caráter democrático e de participação social do sistema;
- ☞ Pautar o acesso contínuo a políticas de saúde mental dentro e fora da universidade.

ARTE E CULTURA POPULAR DO TAMANHO DO BRASIL E DOS NOSSOS SONHOS

A cultura está em nossas histórias. Em nossas canções. Em nossa prática. Em nosso jeito de fazer roda. A cultura é parte de quem nós somos, e é quem somos em coletivo. Ainda que possa ser apreendida pelo mercado na forma de nossa indústria cultural, a arte não pode ser compreendida pela lógica do consumo. A arte está para além dos interesses do capitalismo.

Um dos setores mais afetados pela conjuntura recente tem sido o cultural. Grande parte dos espaços de produção e promoção de cultura foram afetados. A situação é agravada pelo governo desastroso ocupante do planalto, que teve como uma de suas primeiras ações o extermí-

nio do Ministério da Cultura, que foi reduzido a caráter de secretaria de governo, reduzindo investimentos e precarizando o acesso aos bens culturais e imateriais do nosso povo. Reconhecemos uma ideologia de governo que busca invisibilizar o valor cultural intrínseco de diversas manifestações artísticas do nosso povo, em especial as produções artísticas críticas, representantes da população periférica, interiorana, negra, feminista do nosso país. Precisamos ser a contrapartida, que corrobora o papel central e inquestionável que a arte tem no desenvolvimento do país, contribuindo na formação dos cidadãos, melhorando a qualidade de vida, fortalecendo vínculos e ain-

**RIR É UM
ATO DE
RESISTÊNCIA**



**A CULTURA
SALVA!
A CULTURA
SALVA!
A CULTURA
SALVA!**



**RIR É UM
ATO DE
RESISTÊNCIA**



**A CULTURA
SALVA!
A CULTURA
SALVA!
A CULTURA
SALVA!**



**RIR É UM
ATO DE
RESISTÊNCIA**



**A CULTURA
SALVA!
A CULTURA
SALVA!
A CULTURA
SALVA!**



da promovendo o desenvolvimento econômico dos territórios. Trata-se de um setor que consegue se reinventar em tempos de crise.

A Lei Aldir Blanc, fruto de grande organização e mobilização do movimento cultural, significou uma importante perspectiva ao setor, mesmo com os ataques sofridos pelo desgoverno responsável pelo enfraquecimento da política cultural nacional. Acompanhamos de perto toda a discussão e mobilização para a aprovação da lei no congresso, chamada inicialmente de Lei Emergencial da Cultura e hoje oficialmente Lei Aldir Blanc, desde as Webconferências em diversos estados como também no diálogo e convencimento de Deputados e Senadores para aprovação da lei. Para o Governo Federal é apenas mais uma medida de “auxílio emergencial” para um setor, já para nós é a rearticulação nacional de um elemento extremamente importante para a economia do nosso país e para a preservação da história do nosso povo a partir das suas múltiplas expressões artísticas culturais.

Nossa cultura nos reanima. Nos põe em contato com nossa ancestralidade. Nos permite enxergar a realidade de outro modo. É assim que construímos nossa luta e trilhamos o caminho da resistência contra um sistema que nos quer mortos e submissos, fora dos lugares de prestígio social. Um sistema que desvaloriza a vida e a nossa história, nos deixando para as margens como sobreviventes.

É a cultura que nos conecta enquanto povo e que constrói uma outra via de transformação da sociedade. Defendemos o direito ao acesso à cultura, além de um investimento justo e melhores condições para os produtores culturais nacionais garantindo o direito do povo brasileiro conhecer a sua história e se libertar de um ciclo de anestesia social, que não nos permite sentir e viver a vida em sua totalidade. É preciso contra-atacarmos essa ideologia nefasta que go-



verna o Brasil e discutirmos com a sociedade qual o verdadeiro real valor da cultura, qual a sua importância na construção de um mundo melhor, de uma sociedade mais justa e igualitária.

A universidade e o movimento estudantil também podem ser espaços importantes de transformação da sociedade. Precisamos resgatar a história do movimento estudantil brasileiro que aliado a arte e a cultura, construiu espaços de resistência e produção cultural com o CPC, se faz necessária que nossa Bienal de Arte e Cultura da UNE, seja reafirmada não somente como um espaço de apresentação de artistas já consagrados, mas também seja o canal de fortalecimento da produção artística das diferentes regiões do país a partir da potência criativa dos estudantes e da juventude.

A cultura sempre foi uma arma contra o autoritarismo, por isso a UNE precisa:

Propomos para a UNE:

- 📄 Fortalecer a democratização e valorização de todas as formas de manifestações culturais dentro e fora das IES.
- 📄 Fortalecer que os espaços de cultura da entidade seja para aproximar a nossa população do nosso patrimônio cultural;
- 📄 Fortalecer e defender políticas públicas que possam minimizar a desigualdade no acesso à cultura.
- 📄 Organizar a luta pela democratização dos espaços das IES para a promoção de cultura que além de ser um direito, possui um papel educador que influencia de maneira positiva o nosso desenvolvimento econômico e social;
- 📄 Fomentar a criação de leis de incentivo à produção artística como a Lei Aldir Blanc e a Lei Paulo Gustavo.

Seguimos nessa jornada com alegria no cantar, somando forças na revolução e caminhando de mão em mão. Vamos construir a ciranda que aquece o peito, esperando um futuro melhor e reafirmando a nossa resistência.



KIZOMBA NA UNE (2019-2021)

Regina Brunet - 1ª Vice-presidenta

Guilherme Barbosa - 3º Diretor de Políticas Educacionais

Rose Nascimento - Diretora de Ciência e Tecnologia

Genderson Costa - Diretor de Combate ao Racismo

Elaine Monteiro - Diretora de Mulheres

Ana Jéssica Nascimento - 4ª Diretora de Assistência Estudantil

Ludmila Brasil - 3ª Diretora LGBT

Laís Rezende - Vice UNE Espírito Santo

KIZOMBA, FESTA DA RAÇA

GRES Vila Isabel (1988)

Valeu Zumbi!

O grito forte dos Palmares
Que correu terras, céus e mares
Influenciando a abolição

Zumbi valeu!

Hoje a Vila é Kizomba
É batuque, canto e dança
Jongo e maracatu

Vem menininha pra dançar o caxambu
Ôô, ôô, Nega Mina
Anastácia não se deixou escravizar
Ôô, ôô Clementina

O pagode é o partido popular
Sacerdote ergue a taça
Convocando toda a massa
Neste evento que conagraça
Gente de todas as raças
Numa mesma emoção
Esta Kizomba é nossa Constituição

Que magia
Reza, ajeum e orixás
Tem a força da cultura
Tem a arte e a bravura
E um bom jogo de cintura

Faz valer seus ideais
E a beleza pura dos seus rituais
Vem a Lua de Luanda Para iluminar a
rua

Nossa cede é nossa sede
E que o apartheid se destrua

HISTÓRIA PRA NINAR **GENTE GRANDE**

GRES Estação Primeira de Mangueira

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barra-
ções

Dos Brasis que se faz um país de Lecis,
jamelões
São verde e rosa, as multidões

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barra-
ções
Dos Brasis que se faz um país de Lecis,
jamelões
São verde e rosa, as multidões

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu dengo
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão
do que descobrimento

Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retra-
to

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Ara-
cati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles,
malês

